

o marco para 3,400 e 4,500 réis, o que dá um aumento de 21,42 e 17,64, ou 42,85 por cento entre o primeiro e o ultimo valor; e reclamaram contra a elevação do valor da moeda de cobre, por ter passado de 120 para 140 réis o arratel, que representa apenas uma differença de 16,66 por cento; o que mostra que os povos não ligaram maior importancia ás alterações que soffreram, no seu valor extrinseco, as moedas de ouro e as de prata, do que ao que teve a moeda de cobre, apesar do aumento do valor d'esta ser relativamente muito menor do que o d'aquellas.

As Côrtes e o Senado de Lisboa não contestaram ao Monarcha o direito de poder alterar o valor da moeda, mas fizeram-lhe sentir claramente, que, sendo a alteração do valor da moeda prejudicial aos povos, se lhes devia dar previamente conhecimento das razões que a isso obrigavam, como era de uso e costume; e talvez, a nosso ver, fosse esta a causa primordial e que mais preponderou no Senado e nas Côrtes para representarem.

BAPTISTA QUEIROZ.

## Miscelanea archeologica

### 1. Classificação das cidades

Sobre as difficuldades que ha na divisão nitida dos caracteres de aldeia e cidade trata o Professor Dr. K. Hassert no seu valioso livro *Die Städte* (Leipzig, B. G. Teubner), recentemente publicado. O tamanho de um lugar, escreve elle, não pode servir de sinal para o seu character rural ou urbano; porquanto nos territorios industriaes densamente povoados o desenvolvimento rapido do commercio faz subir as aldeias á grandeza das cidades, ao passo que em regiões puramente agricolas as cidades se enfezaram em aldeias. Muitos sitios conservam hoje só por motivos historicos o nome de cidade, por exemplo as duas menores cidades da Allemanha: Häuenstein, no Rheno superior (Bade) com 191 habitantes, e Zavelstein na Floresta Negra (Württemberg) com 294 habitantes. (Ao todo ha na Allemanha quarenta cidades minusculas com menos de 500 habitantes). Pelo contrário havia em 1906 dos 524 municipios do imperio allemão com mais de 10:000 habitantes, nada menos de 110 municipios ruraes, quatro dos quaes (Lichtemberg, Zabrze, Borbeck, e Hamborn) contavam mais de 50:000 habitantes e que apresentavam uma verdadeira vida de grandes cidades.

Por estes motivos reconheceram os estadisticos a antiga definição da cidade como sem sentido. Costuma-se hoje por isso os logares de grandes classes distinguirem-se pela população. Nos Estados Unidos

são considerados todos os logares com mais de 8:000 habitantes como cidades, ao passo que a estatística official allemã designa os logares a baixo de 2:000 habitantes, quer tenham organização urbana quer rural, como logares ruraes, e os logares com 2 até 5:000 habitantes como cidades ruraes [villas no sentido português], os logares com 5 até 20:000 habitantes como cidades pequenas, os logares com 20 até 100:000 habitantes cidades medias e logares com mais de 100:000 habitantes como grandes cidades.

(*Berliner Tageblatt* de 5 de Fevereiro de 1908).

## 2. A casa dos bicos em 1630

«Aos vinte e sette dias do mes de novembro do anno de mil seiscentos e trinta em Lisboa nas casas da morada do senhor Inquisidor Manoel da Cunha appareceu Vicente Nogueira Clerigo de Missa morador nesta cidade conego desta dita cidade e hera morador na casa dos bicos a porta do mar».

«Vicente Nogueira sacerdote conego na see desta cidade e nella morador na Ribeira nas casas dos diamantes». Fl. 1.

(Processo de Vicente Nogueira, n.º 4241 da Inquisição de Lisboa, nos apartados).

## 3. Na sacristia de S. Domingos

### a) Aparecimento de esqueletos e de ossos humanos dispersos

Quem conhece bem a igreja de S. Domingos, hoje parochial de Santa Justa e Rufina, e outrora templo privativo da poderosa ordem dominicana, sabe perfeitamente quão solidas são as suas paredes e abobadas, quanta resistencia umas e outras offerecem á acção impiedosa do tempo. Mas, porque, apesar da sua muita solidez, não podem deixar de estar sujeitas ás leis da natureza, ante as quaes não se admite a ideia da eternidade das cousas, deu-se ha cêrca de 15 dias, o caso de parte da abobada da vasta sacristia da mesma igreja desabar, vindo algumas das pedras e madeiras que a compunham cair sobre o carneiro que ali existe e cuja tampa, por effeito do choque soffrido, ficou muito aluida. Tratou, immediatamente, a respectiva junta de parochia de mandar proceder ás reparações precisas da parte da abobada desmoronada, que comprehende, pouco mais ou menos, dois metros quadrados, fazendo os encarregados da obra os necessarios andaimes, e começando a trabalhar nella varios operarios pedreiros.

Ante-hontem, um d'elles, notando que a parte superior, a tampa do carneiro, a que já nos referimos, se achava algum tanto desviada do seu primitivo logar, tratou, movido pela curiosidade, de ver o que

ella esconderia a seus olhos, de a desviar mais, pondo, assim, a descoberto uma cavidade que, desde logo, concebeu o plano de explorar. E assim fez. Aproveitando a escada de madeira que conduz a esse subterraneo e não se preocupando com estarem os degraus muito carcomidos pela umidade e pelo estrago de bastantes dezenas de annos, aventurou-se á exploração e, passados alguns minutos, achava-se no fundo d'essa escada. Examinou o subterraneo e o que nelle se lhe deparou á vista e, voltando ao ponto de partida, por não saber ou não querer, não fez aos seus companheiros de trabalho a sua descrição detalhada, limitando-se a contar-lhes, muito confidencialmente, que deparára ali com algumas ossadas humanas.

Apesar, porém, do segredo pedido, alguém o descobriu, porque o nosso *reporter* Sr. Adriano Costa conseguiu apurar d'elle o bastante para realizar uma exploração do local por conta propria, e habilitar-nos a pôr os leitores ao corrente do que parece ser o tal subterraneo e de quaes foram as descobertas que nelle se realizaram.

Principiaremos por dar uma ideia, tão exacta quanto possivel, da estrutura e configuração d'esse

#### b) Subterraneo

Tem elle a forma quadrangular, medindo, pouco mais ou menos, cinco metros de comprimento, tres de largura e um e meio de altura. É abobadado, com as espessas paredes revestidas de cal e areia; não tem qualquer fresta ou janela por onde penetre o ar e a luz quando fechado, hermeticamente, pela pedra, agora deslocada, que lhe serve como de portal e de cuja abertura desce a escada a que já nos referimos. Na sua parte inferior ha uma especie de tanque, com cêrca de trinta centímetros de profundidade e cercado de um rebordo que vem terminar nas paredes.

Á primeira vista, e porque esse quadrilatero está quasi cheio de agua, assalta o visitante a ideia de que está, com effeito, em presença de um verdadeiro recipiente de agua; esse pensamento, porém, desaparece, feito mais minucioso exame, pois que numa das faces ha um nicho de marmore, com uma cruz da mesma pedra, o que leva a crer que se trata tão sómente de um pequeno carneiro, que, em tempos idos, terá servido para ignorados fins. Ou seja tanque ou seja carneiro, o que é inegavel é que nelle se encontram alguns

#### c) Esqueletos e ossos humanos

O nosso *reporter*, querendo ver por seus olhos o que havia de verdade no que, por meias palavras, ouvira dizer, desceu, hontem, munido

de uma luz, ao subterraneo e, uma vez lá dentro, examinou-o com toda a attenção. Eis o que elle pôde averiguar: logo ao fundo da escada, sobre o rebordo do lado direito de quem desce, fronteiro ao nicho, vê-se um esqueleto, que está na posição de decubito dorsal, e tem adherente uma espessa camada de cal, que parece não haver atravessado tantos annos.

A caveira d'este esqueleto, cujos ossos dos braços se estendem ao longo d'elle, repousa sobre as costellas, completamente separada da restante ossada. No rebordo do lado esquerdo estão duas caveiras e bastantes ossos dispersos. No outro, acha-se um segundo esqueleto completo.

Na agoa vêem-se muitos outros ossos soltos, madeiras com pregos amarellos e argolas de ferro, de caixões.

(Do *Diario de Noticias*, de ha quatro ou cinco annos).

#### 4. Ruínas de cidades lusitano-mouras do Algarve

«Lembra-me, disse o Theologo, huma invenção de outra Cidade no Réyno do Algarve no dia do terremoto do primeiro de Novembro de 1755 entre a Cidade de Lagos, e a Villa do Bispo, eu andey á caça muitas vezes por cima della, o mar a descobrio no dia do terremoto, assim como tambem descobrio a Villa antiga de Portimão: nunca se pode saber que Cidade he esta, nem como, ou quando a cobrio a terra, desorte, que por cima della erão matos; acharão-se quasi todos os edificios em altura de tres varas, feitos de pedra e tijolo por fóra de extraordinaria grossura, e grandeza, e da mesma as telhas, e columnas de marmore lavradas, aqueductos de pedra e por dentro de chumbo: memoravel antigualha, que devia conservar-se; porem os rusticos, vizinhos, quasi a tem demolido».

(*Academia dos Humildes, e Ignorantes. Conferencia III, p. 22. Anno de 1758*).

*Nota.*— Não se póde prestar inteira confiança ás asserções contidas nesta obra, pois nella encontram-se tambem informações falsas, taes como a da cisterna do monte do Castello de S. Jorge e do rio por baixo da Rua de S. José em Lisboa. Todavia ahí fica esta indicação.

#### 5. Bento Morganti

«Se a Parca cortou todas as minhas esperanças na vida, que roubou ao Excellentissimo Senhor Marquez [do Lourical, e Conde da Ericqueira]... seria ingratição se agora com occasião tão opportuna me não lembrasse da distincta honra, com que o Ex.<sup>mo</sup> Progenitor de V. E.<sup>a</sup> me animava a escrever, dando facillimo adito para conferir com elle muitas materias pertencentes ao estudo da Erudição, por cujo bene-

ficio, e talvez animado das suas persuações, dei a luz a primeira parte da minha *Nummismalogia*, devorando-me o incendio as próvas mais evidentes desta honra, em muitos documentos, que conservava da sua propria letra, que respeitava por mayor thesouro do que as mesmas medalhas, de que ordenei aquella obra».

(Bento Morganti, *Tardes de Mayo, ou Tardes de passeio*, 1758, na dedicatória).

## 6. Apontamentos para a historia dos grandes incendios

19 de Novembro de 1863

A Camara Municipal, o Banco de Portugal, diversos escritorios commerciaes e um predio de habitações em chammas Prejuizos importantes em mais dois predios

No anno de 1863 o edificio dos paços do concelho não era isolado, como actualmente, no quarteirão limitado pelos cunhaes—N. e S.—do actual palacio do municipio, e os que tornejam da praça do Commercio para a rua do Ouro e d'esta para a rua de El-Rei (antiga rua dos Capellistas).

O vasto quadrilongo tinha a area de 86<sup>m</sup>,46 por 43<sup>m</sup>,12 ou sejam 3:728,1552 metros quadrados.

As edificações serviam de installação das repartições da Camara Municipal, dos escritorios do extincto contracto do tabaco, do Banco de Portugal, das companhias: de seguros Fidelidade, das Lezirias, dos vapores do Tejo e outros escritorios commerciaes.

A construcção dos paços do concelho começou em 1770 e acabou em 1774; custou 121:099\$270 réis. As paredes da sala das sessões eram revestidas de bellos pannos de Arraz (representando varias passagens da vida do imperador Constantino), que custaram 16:000 cruzados (6:400\$000 réis).

Na frente principal do edificio, no largo do Pelourinho, havia a entrada por um portão alto, com arco em volta perfeita, e sobre este uma janella com larga varanda nobre de balaustres de pedra, encimada pelo brazão d'armas da cidade, num frontão triangular isosceles. A varanda ficava á altura do segundo andar, que apresentava mais dez vãos de janellas de peitos (cinco por cada banda). No pavimento térreo havia outros tantos vãos de janellas e no primeiro andar igual numero de janellas de saccada.

Para o lado da rua do Arsenal as edificações tinham no seu conjunto vinte e cinco vãos de janellas, das quaes apenas existem algumas com a mesma disposição architectonica, a contar do cunhal do Ministerio do Reino. Por esta face os primeiros andares tinham janellas

de saccadas e os outros dois pavimentos superiores e as aguas furtadas, janellas de peitos. (Vidé «*Archivo Pittoresco*», 1863, p. 129 e 297).

A altura d'estas edificações era de 16<sup>m</sup>,75.

Pelas nove horas e meia da noite, começou a sair bastante fumo pelas janellas do segundo andar do lado da rua do Arsenal, onde era a repartição da contabilidade da camara. As torres repetiram o toque de 15 badaladas, indicando o sinistro nas immedições da Conceição Nova, e em seguida o toque de «rebate».

O archivo e a bibliotheca da Camara installados nos baixos dos paços do concelho, nada soffreram devido a serem as casas abobadadas, bem como a casa forte do Banco de Portugal.

Apesar da impossibilidade de dominar o fogo no ponto inicial, os esforços dos individuos empenhados na luta permittiram demorar a marcha do incendio e salvar os livros dos diversos escritorios commerciaes.

Morreram dois dos feridos transportados ao hospital, sendo um d'elles uma criança de 13 annos e ficaram feridos tres bombeiros, porem pouco gravemente.—*Feliciano Antonio de Azevedo*.

(*Diario de Noticias*, de 19 de Novembro de 1908).

#### 7. Bibliotheca de Villa Franca de Xira

«Manda o Duque de Bragança, Regente em Nome da Rainha, significar á Camara Municipal de Villa Franca, em resposta á sua exposição de 2 do corrente mez, agradecendo o beneficio que se havia feito aos Povos daquelle Concelho, em lhes conceder a Livraria do extincto Convento de Santo Antonio da Castanheira: Que, Sua Magestade Imperial, toma muito a peito a instrucção de todos os subditos da sua Augusta Filha, e que não perderá occasião de proporcionar-lhes os meios de a adquirirem. Paço, em 5 de agosto de 1834.—*Bento Pereira do Carmo*.

(*Gazeta Official do Governo*, de 6 de Agosto de 1834).

«Desejando dar á Instrucção Pública aquella amplitude, de que ella carece, para harmonizar com o Systema Representativo com que felicitei estes Reinos, e Havendo-Me representado a Camara Municipal de Villa Franca de Xira, quanto seria de utilidade pública o estabelecimento ali de uma Bibliotheca, requerendo que para esse fim se lhe conceda a Livraria do extincto Convento de Santo Antonio no termo de Castanheira, para servir de nucleo a uma mais ampla Livraria, que a dita Camara tem em vista estabelecer; Hei por bem, em Nome da Rainha, Decretar se entregue á referida Camara de Villa Franca

de Xira a Livraria do extinto Convento de Santo Antonio no termo da Castanheira, revogando nesta parte sómente a disposição geral do Decreto de 30 de Junho proximo passado que determinou o destino que se deve dar ao valor dos Conventos suprimidos, e dos bens que lhes são inherentes, Sendo ora servido alienar de taes bens a mencionada Livraria para ter o fim louvavel, que a mesma Camara Municipal tão zelosamente promove. Os ministros e Secretarios d'Estado, a quem o conhecimento do presente Decreto compete, o tenham assim entendido e façam executar. Palacio das Necessidades, em sete de agosto de mil oitocentos trinta e quatro.—D. Pedro, Duque de Bragança.—*Bento Pereira do Carmo.*

(*Gazeta Official do Governo*, de 12 de Agosto de 1834).

#### 8. A libré dos officiaes portuguezes em 1793

«Tendo sido Servida ordenar que os Officiaes e Criados da Minha Real Casa usem para o futuro de laços nos Chapeos das Cores da Minha Libré; e querendo que os officiaes, e mais Trofeos do Meu Exercito participem igualmente de mesma honra: Sou Servida ordenar, que para o futuro, todo o Meu Exercito uze da Cór Escarlate e Azul escuro nos laços dos seus Chapeos, conforme o modelo que Mando estabelecer: E que outro sim todos os Officiaes das Minhas Tropas usem de fiador nas Espadas de cor encarnada e oiro, terminado o mesmo fiador com duas borlas de seda azul e prata: O Conselho de Guerra o tenha assim entendido o expressa as ordens necessarias na referida conformidade. Palacio de Queluz em sete de Janeiro de mil setecentos e noventa e tres. *P. R.*».

(*Decretos do Conselho da Guerra*, Maço 154, n. 2).

#### 9. A telegraphia em Portugal em 1804

«Attendendo ao laboriozo cuidado que Antonio da Silveira Pinto da Fonseca Tenente Coronel de Millicias aggregado ao Regimento de Villa Real tem tido unicamente por zelo e fidelidade ao Meu Real Serviço na direcção e execução do Telegrafo, que fui Servido aceitar: Hey por bem de o promover ao Posto de Coronel aggregado ao mesmo Regimento; E tendo consideração, a que Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, Tenente aggregado ao Regimento de Cavallaria de Chaves, e Manuel Pinto da Silveira Alferes do Segundo Regimento de Infantaria do Porto, o tem coadjuvado nos exercicios praticos do referido Telegrafo; Hey outro sim por bem gradualos uns Postos immediatos nos seus respectivos Regimentos, sem prejuizo da antiguidade dos Officiaes dos mesmos Corpos que a tiverem maior: O Conselho de

Guerra o tenha assim entendido e lhe mande expedir os despachos necessarios. Palacio de Queluz em desoito de Janeiro de mil oito centos e quatro.—*Principe Regente*».

(Decretos do Conselho da Guerra, Maço 163, n.º 10).

#### 10. A provedoria de Leiria

«Os [livros] da Provedoria de Leiria . . . forão queimados na passada invasão de 1810».

(Requerimento de José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, natural de Soure, datado de 22 de Março de 1832. Archivo da Torre do Tombo, Maço 15 de Ordens, n. 10).

#### 11. As escavações de Gulpilhares

##### a) Camara municipal de Gaya

Tambem reuniu a camara municipal de Gaya. Occupou-se da questão duriense, mas, dada a sua complexidade deliberou-se estudar o assunto e tratar d'elle na proxima sessão.

Resolveu-se arrecadar com todo o cuidado diversos objectos e moedas romanas de valor archeologico, que teem apparecido numas escavações da freguezia de Gulpilhares, e procurar a melhor fôrma de adquirir casa propria e ampla para a installação do museu Azuaga, que está muito acanhado, a ponto de não poder receber os objectos que para ali são dados.—(A. P.).

(*Diario de Noticias*, numero cuja indicação perdi).

b) Nas excavações a que se está procedendo em Gulpilhares, tem continuado a apparecer moedas romanas e objectos de valor archeologico.—(A. P.).

(*Diario de Noticias*, de 12 de Junho de 1908).

#### 12. As ruinas de Santa Clara de Santarem

Excerpto de um officio do Governo Civil de Santarem para o Ministerio da Guerra:

...este Governo Civil solicita do Governo de Sua Magestade a cessão á Camara Municipal de Santarem do vasto terreno occupado pelo extincto convento de Santa Clara, hoje na posse da Fazenda Nacional e provisoriamente cedido ao Ministerio da Guerra. A parte que este Ministerio occupa como deposito de forragens, é apenas a antiga igreja profanada; o resto do convento destelhado e com as paredes destruidas quasi por completo transforma em um montão de ruinas um dos logares mais pittorescos e bem collocados de Santarem,

o que constitue uma tristissima demonstração do nosso medriocre gosto artistico.

Todo esse terreno que actualmente, perante nacionaes e estrangeiros, nos envergonha e deprime, seria entregue á vereação municipal para ali se construir um bairro operario que fosse como uma aurora de redempção para os desherdados da fortuna e factor importante de engrandecimento para esta cidade, cujos melhoramentos tão descurados teem sido. D'esta forma attenuar-se-hia o imperdoavel vandalismo que destruiu o tradicional e, por tão grandiosos titulos, notavel convento de Santa Clara, que a piedade de D. Affonso III fundou em 1259 e de que apenas restam os escombros que nos entristecem e profundamente penalizam.

Deus guarde V. Ex.<sup>a</sup>—Santarem, 4 de junho de 1908.—Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Sebastião Telles, dignissimo Ministro da Guerra.—O Governador Civil, *João Joaquim Izidro dos Reis*.

(*Diario de Noticias*, de 6 de Junho de 1908).

### 13. Achado de moedas—Pernes

«Neste lugar de Pernes e suas vezinhanças se tem achado em todos os tempos muita quantidade de moedas antigas, ceytis, mealhas e outros muitos, hñas de prata, outras de cobre, outras de latão e outras de metaes que pareciam misturados, algũas dos Romanos, outras dos Reys Portuguezes, e tãobem algũas de Reynos estranhos, mas como nunca houve quem as juntasse, se perderão: só eu ajuntei hña quantidade dellas que mandey a José Freyre de Montarroyo Mascarenhas, morador em Lisboa: por que me constou, que he insigne antiquario e muito coriozo, e que fazia collecção das moedas de todos nossos Reys, e tinha intento de escrever huu tratado dellas».

(Torre do Tombo—Noticia historica e topografica da villa de Alcanede, na qual se expoem a sua discripção e dos lugares de seu termo. As suas Parochias. Numero dos seus moradores: Nobreza que d'elles se conserva. Os seus rios, montes, pontes, fructos, comendas, Igrejas, officios civis e militares, pessoas de mais distincção que nella houve e alguns sucessos notaveis. Escrita por Simão Frois de Lemos no anno de 1726, p. 57 do codice n.º 593.—Vid. Vasconcellos, *Hist. de Santarem*; II, 336).

### 14. Bruges e Portugal

«L'«estaple» est l'équivalent de l'ancien «emporium» des Romains; nous le retrouvons encore dans la plupart de nos villes françaises, sous la forme moderne «étape», dans la dénomination de nombreuses places et rues. On conçoit l'importance économique d'un «emporium»

placé, comme l'était Bruges, grâce à sa situation géographique, à proximité da la mer, dans un contrée riche et industrielle, en relations avec les commerçants et les marins d'Angleterre, de Lubeck, de Frise, de Zélande, de Dieppe, de La Rochelle, de Portugal, de Gênes, de Catalogne, de Venise, pour ne citer que les principaux».

(Critica de H. Stein na *Bibliothèque de l'École de Chartes*, 1907, p. 367, ao *Cartulaire de l'ancienne Estaple de Bruges*, — recueil de documents concernant le commerce intérieur et maritime, les relations internationales et l'histoire de cette ville, par L. Gilliodts-Van Severen, conservateur des archives de la ville de Bruges, — Bruges, 1904-1907, 4 vol).

#### 15. Apreciação de Portugal

Numa revista alemã, *Der Weltcourier*, Berlim, III, 909, vem um artigo illustrado sobre Portugal, muito elogiativo.

#### 16. Excavações no castello de Almada

Continuam na fortaleza do castelo de Almada, superiormente dirigidas pelo sr. alferes da força de caçadores aqui aquartelada, Fontes Pereira de Mello, as excavações para trazer à superfície os esqueletos que em grande numero tem sido encontrados, e atingem até hoje o numero de 16 pertencentes ao sexo masculino, 2 ao sexo feminino e alguns a menores. Tambem foi encontrada uma moeda do reinado de D. Affonso V (1481) e outra de D. João I (1433), que o sr. alferes Fontes guarda como reliquia.

(*O Mundo* de 7 de Abril de 1909).

#### 17. Resureição do passado

**É approvada a proposta para a criação de um museu historico municipal em Lisboa**

Um dos assuntos mais interessantes de que se occupou hontem a vereação foi motivado pela proposta do sr. Thomaz Cabreira, relativa á criação em Lisboa de um museu municipal historico. O documento que nesse sentido foi apresentado em sessão é do teor seguinte:

«Considerando que Lisboa, ao contrario de todas as capitaes de nações civilisadas, é muito pobre em museus;

«Considerando que os museus constituem uma excellente escola para o ensino das classes populares;

«Considerando que os museus historicos dão uma ideia completa da vida de outras eras, iniciando nacionaes e estrangeiros em factos que de outra fôrma ficariam esquecidos;

Considerando que é preciso tornar conhecida de todos a historia da cidade de Lisboa;

«Proponho que seja criado o Museu Municipal Historico de Lisboa, que ficará provisoriamente alojado nos paços do concelho.

§ 1.º O museu será dirigido por uma commissão composta de um vereador, que servirá de presidente, de um delegado da Academia de Bellas Artes e de outro da Associação dos Archeologos Portugueses, do director e de outro empregado do archivo municipal.

§ 2.º O pessoal menor será constituido por empregados municipaes que actualmente prestem serviço moderado.

§ 3.º O museu estará aberto das doze ás quatro da tarde, todos os dias, com excepção das sextas feiras e sabbados, que serão destinados a limpeza.

§ 4.º A entrada no museu será gratuita aos domingos e dias santificados e nos outros dias para as escolas primarias e populares, quando acompanhadas dos respectivos professores. Nos dias não santificados a entrada no museu custará 100 réis.

§ 5.º Constituirá receita do museu: o producto das entradas, a venda de catalogos, os donativos e a verba especial inscrita no orçamento municipal».

O proponente, explanando largamente o assunto, affirmou que esta proposta poderia ser posta em pratica sem grande dispendio para o municipio, mostrando a conveniencia de ser destinada uma verba annual para o desenvolvimento do museu. Está também convencido de que a iniciativa particular auxiliará este proposito, apontando offertas valio-que teem sido feitas por diversos individuos aos museus municipaes de todos os paises. Com character transitorio pode o museu ser installado desde já no archivo, passando mais tarde a installação propria, applicando-se uma verba na aquisição de mobiliario, trajes ou quaesquer outros documentos de passadas epochas referentes á capital.

O sr. Ventura Terra, approvando com enthusiasmo a proposta lembra que se acrescente, como additamento, que no palacio de festas e exposições a construir no parque Eduardo VII se incluam dependencias especiaes para esse museu.

(*O Seculo*, de 16 de Julho de 1909).

### 18. Um papiro egipcio em Portugal no sec. XVII

Manuel Severim de Faria, fallecido em 16 de dezembro de 1655, e enterrado na Cartuxa de Evora, estabelecimento bem conhecido pela sua bibliotheca dotada de livros raros, alguns dos quaes se guardam na Torre do Tombo e na Bibliotheca Nacional de Lisboa e um raris-

simo no Museu Ethnologico, possuia os seguintes livros: «As obras do insigne Fr. Luiz de Granada na Lingoa Japoneza: hum volume escripto no antigo papyro do Egypto; outro em folhas de palma e abertos com estilo a ferro os caracteres: muitos Volumes da Lingoa Chineuse, com preciosas encadernações de varias sedas e brochuras de admiravel artificio. Esta Livraria está patente a todos os que d'ella se queirão aproveitar. Ordenou tambem hum Museo, composto de estatuas, Vasos e Medalhas e moedas Gregas e Romanas, como tambem Principes Godos e Reis Portugueses, entre as quaes merecião particular estimação huma de prata em que estava gravado Sertorio com a Cervia; outra de ouro com a effigie de ElRei Wamba e outra do mesmo metal do Martyr S. Hermenigildo».

(Fr. Claudio da Conceição, *Gabinete Historico*; IV, p. 183).

### 19. Collecção de medalhas de Connel

«Sexta feira, 12 do corrente, ao meio dia, na rua dos Caetanos, n.º 6, por ordem do conselho de familia do defunto Daniel Connel, se ha de vender em leilão uma grande porção de antiquissimas e raras medalhas de ouro, prata, e cobre; um pequeno museu de conchas e figuras; alguns bons paineis de auctores conhecidos, e entre elles diversos em marfim e mosaico; bem como uma estante com uma collecção de amostras de todas as qualidades de madeiras, e uma livraria que comprehende alguns centos de volumes, cadeiras, guarda-roupa, mesas, etc. etc».

(*Diario do Governo*, de 10 de Fevereiro de 1836).

«Sexta feira 26 de Fevereiro, ao meio dia, na rua de S. Caetano n.º 6 (ao Bairro Alto) se ha de vender em leilão uma livraria, que contém alguns centos de livros, e diversos paineis com pinturas de bons auctores, e uma collecção de Medalhas antiquissimas, em ouro, prata e cobre, avaliadas em 5:000,5000 rs. alguma mobilia, e um Presepio».

(*Diario do Governo*, de 23 de Fevereiro de 1836).

### 20. A leitura da Bibliotheca Nacional de Lisboa em 1835

«O Bibliothecario-mór da Bibliotheca Publica da Corte, Vasco Pinto de Balsemão, participa que do dia 7 de Janeiro proximo em diante estará a mesma Bibliotheca patente desde as 9 horas da manhã até ao por do sol em todos os dias do anno, excepto Domingos, dias santos, de festividade nacional, e de grande gala; e que ali se acha um Gabinete convenientemente arranjado, onde as Senhoras poderão ler todos os livros que desejarem».

(*Diario do Governo*, de 31 de Dezembro de 1835).

## 21. Collecção de quadros

«Na rua dos Retrozeiros n.º 115, 1.º andar, se acha á venda, uma collecção de painéis pintados a oleo, originaes de Pilme, figurando paisagens em excellente pintura».

(*Diario do Governo*, de 2 de Dezembro de 1835).

## 22. Um perigo para as bibliothecas

Montdidier, 24 Décembre.

Spira Gotscho, condamné à quatre ans de prison par la cour d'appel de Paris pour vol de manuscrits á la bibliothéque de Versailles, est actuellement détenu á la maison d'arrê de Montdidier, où il attend une autre condamnation pour vol á la bibliothéque de Roye.

Depuis quinze jours il se refuse à prendre tout aliment et se laisse mourir de faim.

(*Le Petit Journal*, de 25 de Dezembro de 1908).

*Nota.*—Spira Gotscho esteve tambem em Portugal. Na bibliotheca Nacional de Lisboa e na de Mafra cometteu alguns roubos de livros, mas devido ao zelo do bibliothecario deste ultimo estabelecimento foi preso no Porto. Tendo simulado loucura, esteve detido um anno em Rilhafoles. Reconhecido como responsavel pelos seus actos, foi entregue aos tribunaes e conservado na prisão de Mafra, de onde fugiu.

## 23. Venda de livros do convento de Jesus de Lisboa

«No dia 4 de Janeiro proximo futuro [1835] se ha de arrematar perante o Provedor do 5.º Districto da Capital uma porção de livros e impressos, que foram do extincto Convento de Jesus d'esta Cidade [Lisboa]: a arrematação terá logar em lotes, ou por junto, conforme fizer mais vantagem ao comprador. Adverte-se que os autos da avaliação estão na Provedoria, aonde os interessados os poderão examinar».

(*Diario do Governo*, de 21 de Dezembro de 1835).

## 24. Os enfeites femininos no sec. XVIII

«O mundo todo concorre para os enfeites de huma mulher. Os reinos do Deção, Bisnagar e Golococondá contribuem para os diamantes; a Bactria, Scythia, e Egypto para as esmeraldas; o Pegú, Calcut, e Ceilão com as safiras; o Seyo Persico entre Ormuz e Bassurá, Samatra, Borneo, e na Europa a Escocia, Silesia, Bohemia com as perolas; o Porto de Julfar na Persia com o aljofar; Syene no Egypto, e mar Thirreno com os coraes; a Suecia e Lúbea com os alambres; os campos de Pisa, e os montes Alpes com os crystaes; o Menomotapa

e Zofala com o ouro; o Potosi com a prata; a Allemanha com camafeos; a Moscovia com as martas e zebellinas; a Helvecia com os arminhos; o Brasil com os ságuins para os manguitos; Tyro em Fenicia com a purpura; a serra da Arrabida (e tambem neste Algarve em Tavira) com a grã; Portugal, e Castella com a cor; Veneza, e Hollanda com os espelhos; Provença, e Roma com as pomadas; Cordova, e Hungria com as receitas para as aguas; as Indias de Castella com a almeya, e oleo para as mãos; o Maranhão, e Siará com o ambar; Angola, Guiné, e Cabo Verde com a algalia; as nossas Indias com o calabuco, e aguila, e com os canequins, paninhos de coco, e os turibios; Africa com as pennas das avestruzes para lhes alindarem as cabeças; a China com os lós, leques, e chitas; Granada com os tafetas; Flandres com as rendas; Cambray com as finissimas teas do seu nome; Guimaraens com as linhas; Leão de França com as primaveras; Italia e Modana na Persia com as télas; a mesma Italia com os Damascos; Florença, Genova, e Napoles com os chamelotes; França com as luvas, sinaes, e leques; Inglaterra com as meyas, relojinhos, e fitas; a Arabia com a goma; a Batalha com os azeviches (ou figas) para o quebranto; e o miseravel do marido com o que não tem, nem pode, para que ella possa ter tudo o que quer».

(Damiam Antonio de Lemos Faria e Castro, *Política Moral e Civil, Aula da Nobreza lusitana, Lisboa, I (1749), p. 193*).

### 25. Torques de ouro massiço

O torque pre-romano, de ouro, que existia no Paço das Necessidades, foi roubado por occasião da Revolução de 1910. Vid. *Diario de Noticias*, 8 de Janeiro de 1911, p. 2, columna 2.<sup>a</sup>, que diz:

«uma barra de ouro puro, to[r]que[s] celtico-gaulez, em fórmula de argola, pesando perto de 1 kilogramma».

### 26. Archeologia portuguesa no seculo XVI

«Il vous faut savoir, en effet, que je suis parti d'une illustre ville de Lusitanie, plus antique peut-être que cette Rome par vous tant célébrée, et laquelle a nom Lisbonne. César, qui l'estimait beaucoup, l'appela, de son nom, *Felicitas Julii Olysipo*. Elle est située à l'extrémité de l'Europe, à l'endroit où le Tage, dont la noblesse ne le cède en rien à celle du Tibre, se jette dans le grand Océan, père de toutes les eaux, comme le dit Homère.

«Étant donc parti de cette mienne patrie si illustre et que tant j'estime, je trouvai, à huit milles de là, sur un petit cours d'eau, les vestiges des voies romaines qui venaient d'Espagne à Rome et les

traces d'un pont important. Ce lieu s'appelle Sacavem. Plus loin, vers Scallabis et Ponte do Sôr, je trouvai la chaussée romaine, qui traverse en cet endroit une région très déserte, avec ses bornes et ses larges bas-côtés, et c'est par cette voie que je pénétrai en Castille».

.....

La chaussée de Geira dans la Serra do Gerez, près de Braga, est une des plus magnifiques. Et je crois que la Lusitanie posséda de très nobles œuvres faites par les Romains, après que le lusitanien Viriathe leur eut permis de les faire».

*Dialogos de Francisco de Hollanda em 1548, com desenhos das antigualhas que vio. Tradução francesa de Léo Rouanet, 1911, pp. 164 e 166.*

*Nota.*—Sobre os desenhos de Francisco de Hollanda, vid. *O Archeologo*, II, p. 33.

### 27. Bibliotheca da Universidade no sec. XVIII

«Don João etc. como protector que sou da Universidade de Coimbra Faço saber a vós Nuno da Sylva Tellez do meu concelho, meu submilher da cortina Deputado da Meza da Consciencia e Ordem e Reitor da mesma Universidade que tendo respeito ao que em carta de 31 de Julho passado me representaste em razão de hauereis mandado rematar por preço de 14 mil cruzados a livraria que ficou de Francisco Barreto para a dita Universidade e ser necessario para melhor acomodação della fazer-ce huma caza por ser piquena e escura a que ao presente ha do dito ministerio e no pateo da mesma Universidade haver sitio e que sem muita despesa se pode fazer com os requisitos necessarios: Hey por bem mandeis fazer a dita caza no citio sobre dito com mais vtil e de menos despesa e aprovar a compra da livraria no exceço de mil cruzados e os doze de que tendeis faculdade minha para se dar por ella uisto nelles se não poder ajustar e, esta Provisão cumprais e guardeis como nella se contem. El-Rey nosso senhor o mandou pelos doutores João Ribeiro Ferreira e Pedro Sanches Farinha de Baena Deputados do despacho do Tribunal da Meza da Consciencia e Ordem. Antonio Rodriguez Maya a fez em Lisboa a 31 de outubro de 1716. Manoel Teixeira de Carvalho a fez escrever João Ribeiro Ferreira, Pedro Sanches Farinha de Baena».

(Mesa da Consciencia e Ordem, *Registo de Provisões de 1696 a 1719*, fl. 154).

### 28. Truqueurs et Collectionneurs

Depuis quelque temps, nous n'entendons parler que de truquages et de truqueurs. Les scandales, les poursuites judiciaires suscités par

les faux tableaux, les faux objets d'art et surtout les fausses antiquités se renouvellent avec une telle fréquence qu'on finit par douter de toutes les pièces qui ne sont pas d'une origine parfaitement connue, historique et incontestable.

\*

Les grands musées européens furent tous plus ou moins victimes de mésaventures de ce genre. Le musée de Berlin acheta très cher, exposa et ensuite retira brusquement de ses vitrines des poteries de la Palestine que notre compatriote M. Clermont-Ganeau avait reconnues fausses. Le même musée fut ensuite désastreusement trompé au sujet d'une couronne d'or extrêmement belle et curieuse mais non moins moderne. En Angleterre, le British-Muséum faillit acheter un manuscrit de la Bible (seulement!) dont on demandait une somme énorme et qui était le plus audacieux des faux, car il était composé de bandes de cuir coupées dans un rituel hébraïque, sur lesquelles on avait écrit en caractères anciens et qu'on avait fait macérer dans une préparation chimique. Le Vatican faillit acheter un «trésor sacré» qui paraissait absolument authentique aux archéologues et qui en réalité venait d'être fabriqué à Rome même par un orfèvre habile mais dénué de scrupules. La Belgique enfin, il y a deux ans, se laissa tromper par les fameux scarabés du roi Néchao que notre musée Guimet avait été à la veille d'acquérir et qui dataient, disait-on, de six cents ans avant Jésus-Christ, tandis qu'ils avaient été achevés à Paris quelques mois avant.

\*

Je pourrais vous citer bien d'autres de ces histoires authentiques d'antiquités apocryphes. Elles fourmillent absolument dans les annales des musées d'Europe, et que dire des collections particulières! Si les savants officiels qui sont chargés d'acheter des pièces rares pour le compte de leur pays se laissent duper par d'adroits truqueurs, pensez ce qui peut arriver aux infortunés particuliers qui se mêlent de faire la chasse aux objets anciens. Sauf quelques exceptions, ils sont roulés sur toute la ligne.

\*

Les faux tableaux ne se comptent plus. Tous les jours on en découvre de nouveaux, tous les jours on s'aperçoit que des toiles signées de quelque grand nom ont été simplement imitées par des artistes con-

temporaires qui ont su leur donner toute la «manière» du maître illustre. Pour l'Amérique particulièrement, on fait une exportation énorme de ce genre de faux. A ce sujet, je ne sais si vous connaissez l'anecdote suivante qui est toute récente et vraiment pittoresque dans sa canaillerie : un marchand voulant placer à quelque milliardaire amateur d'art un faux Raphaël, je crois, qu'il possédait, imagine de transporter le tableau en Amérique clandestinement et de se dénoncer lui-même à l'inflexible douane des Etats-Unis, comme voulant faire passer en fraude un inestimable chef-d'œuvre. Naturellement, à l'arrivée du bateau, les douaniers américains perquisitionnent, découvrent la toile, et le marchand est sévèrement condamné et doit payer une énorme amende... mais, non moins naturellement aussi, l'histoire s'ébruite, tout le monde parle de la toile merveilleuse, personne ne s'avise de mettre en doute son authenticité et l'astucieux marchand, sans la moindre peine, n'a qu'à choisir parmi les riches amateurs pour la vendre plusieurs centaines de mille francs.

\*

Les ruses des truqueurs sont innombrables et leur industrie s'exerce dans le monde entier. Les études spéciales qui ont été faites sur eux nous apprennent qu'en Hollande, en Italie, d'un bout à l'autre de l'année, on fabrique des faux Van Dyck, des faux Rubens, des faux Véronèse, des faux Titien. A Berlin, on reproduit les poteries romaines; à Florence, on imite les armures anciennes; à Madrid, les merveilleuses épées damasquinées; à Londres, les vieilles porcelaines de Sèvres; à Dresde, les ivoires sculptés; à Aix-la-Chapelle, la vieille vaisselle plate et, à Odessa, les bijoux des antiques royautés. Les procédés sont d'une ingéniosité consommée: pour vieillir les métaux, les ivoires, les porcelaines, on les trempe dans des liquides corrosifs ou colorants, on les enfouit dans la terre humide; les tableaux sont enfumés et «craquelés» à l'aide d'une pointe d'aiguille; on tire sur les faux vieux meubles un coup de fusil chargé de petits plombs afin d'imiter les piqûres des vers.

\*

Mais l'art de l'imitation, il faut le dire, atteint à Paris son plus haut point de perfection. Les ateliers spéciaux sont nombreux qui n'ont d'autre industrie que la fabrication de l'ancien, que le maquillage et le truquage des objets de collection. C'est, vous l'avouerez, un métier singulier, et il demande autant d'érudition que de talent. Cer-

tains truqueurs sont des maîtres de première force et leurs œuvres sont des chefs-d'œuvre, ou du moins elles s'identifient si bien avec les authentiques chefs-d'œuvre qu'il est impossible au vulgaire, à l'amateur aussi et même quelquefois aux savants professionnels, de les en distinguer.

\*

Pourquoi, se demande-t-on, de véritables artistes, comme le sont nombre de truqueurs, se livrent-ils à une semblable industrie au lieu d'essayer de se créer une réputation avec des travaux personnels qui feraient connaître leur nom et imposeraient leur talent? Eh bien! cela tient, je crois, à deux raisons: Tout d'abord, l'imitateur, si parfait soit-il, n'a pas toujours en lui la force d'être un créateur. Il saura bien copier avec la dernière perfection l'œuvre d'autrui, s'assimiler la manière du maître, le goût de l'époque, mais il ne saura pas imaginer par lui-même une œuvre ni tirer de son propre cerveau une production originale. Il imite parce qu'il ne peut pas créer, voilà tout. La seconde raison, la plus cruelle, est la difficulté des carrières artistiques à leur début. Le peintre, le sculpteur, jeune, inconnu, sans fortune, se trouve en présence de tant d'obstacles à vaincre pour pouvoir persévérer dans sa vocation, que trop souvent le cœur lui manque et qu'il accepte les propositions d'industriels qui lui commandent des imitations. Vaincu par la misère et le découragement, il accepte le marché pour se tirer d'affaire momentanément et en se jurant de ne plus recommencer. Et il recommence, il est pris dans l'engrenage, n'a plus la force de se ressaisir, et, d'artiste qu'il était, devient pour toujours un imitateur aux mains d'un marchand qui exploite son talent et le met en scène. Car la mise en scène tient une place prépondérante dans le métier de truqueur, dans la façon de présenter l'objet lui-même, — et je vous assure que les professionnels du faux artistique ou scientifique s'y entendent. Je dis scientifique, car certains naturalistes, empaillleurs savent fort bien imiter les oiseaux rares et curieux, et il y a quatre ou cinq ans, le président de la Société préhistorique a lu un mémoire sur les faux objets préhistoriques, harpons en os, pendeloques, bois de renne sculptés, haches de pierre, qu'on lui avait vendus comme du vrai.

Les truqueurs, voyez-vous, ne respectent rien, et, il faut bien le dire, ils ont comme complice la folie des collectionneurs qui tombent en extase devant n'importe quel bibelot banal si on leur persuade qu'il est ancien, et qui ne regardent même pas, pour la seule raison qu'elles sont modernes, les belles œuvres que nos artistes et nos artisans, qui

sont les premiers du monde, savent créer aussi bien que ceux de jadis, mais qu'on ne leur achète pas.

FRÉDÉRIC BOUTET.

(*Le Petit Journal*, de 21 de Janeiro de 1911).

### 29. Valor dos documentos

«Se todas as Irmandades avaliassem as riquezas historicas que administram, se em cada uma d'ellas houvesse pelo menos um entendedor zeloso, se todas as Camaras Municipaes seguissem o exemplo da de Lisboa, e publicassem os seus cartorios, se os Governos dessem auxilio ao salvamento de ineditos, que atulham os archivos e bibliothecas, a chronica da Arte em Portugal deixaria de ser, como é ainda, um verdadeiro enigma. Honra e gloria aos que teem contribuido para dissipar as sombras da catacumba».

(Julio de Castilho, *Lisboa Antiga*, II<sup>o</sup>, p. 293).

«Isto de guardar papeis antigos não é para todos. O apreço ao documento velho é uma prova de cultura de espirito; honrar os avós é prova de coração e alma».

(Id. III<sup>o</sup>, p. 112).

«Possuo com summo apreço um fragmento de uma folha de certo livro do côro do mosteiro de Thomar, representando a venda de Christo por Judas, como fundo a um grande A inicial de phantasia. Deu-me em 8 de Agosto de 1891, na minha casa de Sacavem, o meu sempre saudoso Possidonio da Silva, que o tinha comprado por baixo preço a não sei quem, e provinha dos fragmentos que em 1834 qualquer gaiato ia cortar áquelles codices monumentaes, e vendia a vintem!!! Este meu faz parte dos livros illuminados em 1531, e é do pincel de Antonio de Hollanda, pae do celebre Francisco de Hollanda.

No catalogo do leilão do museu do Dr. Carlos Teixeira de Aragão, realisado em 18 de dezembro de 1901, lê-se sob o n.º 512: «Uma miniatura em pergaminho, em forma de R, representando como ornamento *O nascimento de Jesus, o Anjo, e varias outras figuras*, tendo escripto numa faixa *Gloria in altissimis Deo in terr...* Fez parte dos livros do côro do convento dos Jeronymos de Lisboa, que os rapazes da casa, quando para ali foram, cortavam a seu talante para fazerem alabartes».

(Id. p. 271).

«O que mais illustrou o nome do bom Padre Mayne, e o trouxe até nós, vivo e util, foi o seu Museu. Eu explico.

Vê-se que era d'aquellas pessoas, que em todos os objectos percebem a valia relativa que os distingue, e que por isso se chamam colleccionadores. Para espiritos assim não ha bagatellas despreziveis; tudo tem o seu logar, e a sua significação; o colleccionar é para essas pessoas uma forma de caridade; as gavetas, as pastas, as estantes envidraçadas, as molduras das paredes, são (como hei-de expressar isto?) um genero de asylos de invalidos; mas esses invalidos, mas esses invalidos da indumentaria, da bibliophilia, da ornamentação, da gravura, da pintura, das sciencias naturaes, prestam alto serviço como documentos, como testemunhas artisticas da chronica do seu tempo. Conservar é prestar serviços a vindoiros; e os que vão juntando e classificando o que a turba ignara chama bagatellas, são dos mais uteis cooperadores da civilisação. Isto em geral».

(Id. p. 292).

«Todos os documentos authenticos jogam uns com os outros e são materiaes para a Historia. Conserva-los é dever de todos nós. Ás estações officiaes incumbe a sua guarda; a nós outros, os rabiscadores curiosos, o estuda-los; ao publico, o tirar do seu ensinamento a illustração».

(Id. iv<sup>o</sup>, p. 175).

«Oigo que os manuscriptos geneologicos da Casa Pombal foram vendidos ao Estado, e que todos os papeis particulares e intimos do Marquez foram cedidos (desinteressadamente, e por uma especie de escrupulo, menos bem entendido, quanto a mim) á Companhia de Jesus».

(Id. iii<sup>o</sup>, p. 220).

### 30. Moedas antigas

Elvas, . . .—Noticiámos ha tempo que, quando se procedia a obras numa casa da rua de Alcamim, d'esta cidade, os pedreiros encontraram, mettido numa parede, um vaso que continha uma porção de moedas de ouro e prata, bastante antigas.

Perante o Sr. Administrador do concelho foram aquellas moedas divididas em tres partes iguaes e repartidas pelos donos dos predios ligados pela parede em que estava o vaso e pelo Asilo de Infancia Desvalida, ignorando-se na occasião o valor das mesmas moedas.

Na parte dada ao asilo foi incluido um escudo de ouro do reinado de D. Affonso V, moeda bastante rara, que ultimamente, em leilão publico no asilo, adquiriu o Sr. Dr. Francisco de Barahona Caldeira Castel-Branco, de Portalegre, pela quantia de 230\$000 réis.

A moeda, pelo preço actual do ouro, apenas terá uns 2\$500 réis de valor, pelo peso.

(*Diario de Notícias*, de 27 de Fevereiro de 1908).

## 31. Igreja de S. Luis de Lisboa

«O officio do mesmo [consul de França], dando parte do horrivel assassinato commettido por um cirurgião, chamado Helliot, sobre a pessoa de sua mulher e a de um frade, e como tendo-se elle e um criado refugiado na igreja de São Luis dos Francezes, no espaço de 2 horas lhe vierão quatro recados da parte de El-Rei para que elle Consul houvesse de ordenar ao juiz da confraria de São Luiz possesse fora os dois assassinos para evitar que os mandasse d'ali tirar por força, no que estava resoluta, por isso que a immuidade da Igreja não podia ter vigor sendo o crime perpetrado contra um ministro d'ella. Deu o Consul a ordem requerida e foi-se ter com Diogo de Mendonça que ignorava todo o acontecido, tendo El-Rei expedido elle mesmo as competentes ordens, mandando dizer ao Consul que não mandava arrombar as portas por contemplação para com a França, e para que se não dissesse que assim obrava por se acharem interrompidas as relações diplomaticas; que Diogo de Mendonça lhe certificára ao depois havia El-Rei commettido a questão da immuidade aos mais habeis jurisconsultos, e que estes haviam sido de voto que em taes casos não era valida<sup>1</sup>.

Respondendo o Secretario d'Estado Diogo de Mendonça [1731, dezembro 21] a M. de Montagnac sobre a representação por elle feita acérca dos privilegios que pretendia que tinha a Igreja de São Luiz, lhe significa que a dita Igreja e a Confraria haviam sido instituidas por uns caldeireiros francezes que residião em Lisboa; que El-Rei de Portugal naquella erecção lhe não concedera privilegio algum particular, que seria cousa nunca vista que a dita Confraria quizesse arrogar-se uma isenção que só o estilo havia introduzido nos casos dos Ministros diplomaticos de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> ordem; que El-Rei, seu amo,

<sup>1</sup> Archivo dos Negocios Estrangeiros de França, vol. LXVI da Correspondencia de Portugal, p. 204.

Foi a conducta do Consul approvada plenamente pela Côrte de França como se vê num despacho do Ministro do 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1732 que vem a f. 215. Em 11 do mesmo mez escreveu o dito Consul ao Ministro, dizendo-lhe que tendo apresentado ao Governo Portuguez uma representação, pedindo-lhe satisfacção por haver um magistrado entrado com vara na Casa da Confraria sem respeito aos privilegios de que gozava havia muitos seculos, o Secretario de Estado Diogo de Mendonça lhe respondera houvesse de apresentar copia dos ditos privilegios se todavia os Reis de Portugal os haviam concedido. (*Ibid.* fl. 216).

lhe havia ordenado lhe significasse que o seu corregedor grandemente extranhara de ver que o capellão da Confraria intentára fechar-lhe a entrada com o pretexto d'uma isenção que não existia, aliás El-Rei, seu amo, o faria religiosamente observar<sup>1</sup>.

Dom Sebastião etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que os mordomos da confraria de sam luis que esta na ermjda de nossa senhora doliveira desta cidade de lixboa que he governada pelos francezes que estão e Resydem nesta dita cidade me enviarão dizer que a dita confraria foy fundada pera Remedio e sustentação das pesoas da dita nação que uiuiam nestá dita cidade e a ela vinhão cõ suas mercadorias e outros negocios e por ela não ter o que era necessario pera suprir as ditas necessidades e asy por se quejmar a dita Irmida onde se perderão todas as cousas que a dita confraria tinha me pediam lhe fizesse mercê de lhe conceder lycença pera que de cada navio frances que a este porto viesse poderem dele aver quatrocentos reaes pera despesa da dita cõfraria como foy cõcedido pelos Reis pasados destes Reynos a outras confrarias de estrangeiros que ha nesta cidade o que visto por mym avendo Respeito a ser o que asy pedem pera Remedio das necessidades das pesoas da sua propria nação e como ho embaixador del Rey de frança meu muito amado e prezado jrmão mo pediu ey por bem e me apraz de dar licença aos ditos mordomos que ora são e ao diante forem da dita confraria pera que posão aRecadar e aver de cada hũm navio frances que no porto desta cidade entrar cõ mercadorias quatrocentos reaes .s. tresentos

<sup>1</sup> Archivo citado, vol. LXVI da Correspondencia de Portugal, fl. 235.

Em 25 do mesmo escreveo o Consul, participando ao seu Governo que o Secretario d'Estado Diogo de Mendonça, em resposta á representação que elle dirigira a El-Rei de Portugal, lhe declarara que a Igreja de São Luiz não gozava de privilegio algum particular. Accrescentava, o Consul que aquillo lhe parecia ser verdade, porquanto, dando busca nos papeis do Consulado, nenhum encontrara a este respeito, e só sim em favor da Confraria (*Ibid.*, fl. 232).

Em 18 de Março do anno seguinte de 1732 respondeu o Ministro d'Estado de França ao officio de M. de Mortagnac de 25 de Dezembro do anno precedente, e entre outras materias vindo a tratar da questão concernente á Igreja de São Luiz, se expressa nos seguintes termos: «A Igreja de São Luiz de Lisboa não estando em circumstancias de apresentar outros titulos de seus privilegios senão o de posse, o qual a Cõrte de Portugal entende não ser de direito, sou de parecer que com effeito o melhor arbitrio que actualmente se pôde seguir é o de evitar quanto for possivel occasiões em que se possa prejudicar a dita posse...»

(*Ibid.* vol. LXVII, fl. 38).

(Visconde de Santarem, *Quadro elementar*, v. 255).

reaes a conta das ditas mercadorias que forem de francezes e os cem reaes a conta do mestre do dito navio e portanto mando a todas minhas Justiças e officiaes a que pertencer e esta minha carta for mostrada que asy o façam cumpryr e goardar e pera firmeza de todo lhe mandey dar esta pasada pela minha chancelaria E aselada cõ ho meu selo pendente. Dada na cidade de lixboa a xb dias de fevereiro Joam aluez a fez Ano do nascimento de nosso senhor Jhesu Christo de j̄b<sup>o</sup>lbij<sup>o</sup> e eu Alvaro pirez o fiz screver».

(Chancellaria de D. Sebastião, liv. I de privilegios, fl. 68 da segunda parte).

*Nota.*—Sobre a historia da igreja de S. Luiz Rei de França consulte-se na *Lisboa Antiga*, v, p. 110 do Visconde de Castilho (Julio); uma nota do Dr. Artur Lamas n' *O Arch. Port.*; xii 302. No *Desembargo do Paço*, maço 1006, n.º 6 existe um processo relativo ao embargo que Gaspar Xavier de Almeida e Vasconcellos levantou á construcção da torre dos sinos da referida igreja que ia prejudicar a passagem para sua casa. É datada de 1757.

### 32. O naturalista Merveilleux

«Em Julho do anno seguinte (1714), tendo aportado a Lisboa vindo da Luisiana o naturalista francez Merveilleux, El-Rei convidou-o a demorar-se em Lisboa para trabalhar em diversos objectos concernentes á Historia Natural (Vid. a carta original d'este sabio de 26 do mesmo mez ao-Cardeal, vol. LIX). El-Rei empregou-o ao depois na Casa da Moeda com ordenado de 80\$000 réis por mez (Officio do Agente francez de 24 d'Agosto, vol. cit. f. 98). Este naturalista, escrevendo ao seu Governo em 12 do mez seguinte, dizia que El-Rei tinha vontade de melhorar muitas cousas do seu reino, que o havia encarregado de escrever a Historia Natural delle; e com effeito achamos que D. Luiz da Cunha, nosso embaixador em Paris, em 9 de Outubro deste mesmo anno pediu ao governo francez a competente licença para aquelle naturalista poder-se demorar em Portugal o qual dis correo por varias provincias do Reino regressou para Lisboa em 19 de Julho de 1724 e entregou a El-Rei varias memorias sobre a Historia Natural de Portugal (*ibid.* vol. LX. f. 108). Em Agosto de 1726 mandou-lhe El-Rei dar de gratificação 1,300,000 reis por se ter correspondido de Paris com o Secretario d'Estado Diogo de Mendonça, e por isso que elle havia mandado o presente ao Principe do Brazil um jogo de cartas muito primoroso (vol. LXI, fl. 135)».

(Visconde de Santarem. *Quadro Elementar* vol. v, p. ccciii).

*Nota.*—A *Gazeta de Lisboa*, de 1724, dá conta de este naturalista que, segundo ella diz, era originario da Suíça, país pequeno e pobre, mas grande e rico pela intelligencia dos seus filhos. Cfr. *O Archeologo*, v, 82.

**33. Chafariz do Intendente em Lisboa**

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.—Vou expor a V. Ex.<sup>a</sup> a necessidade que na Freguezia dos Anjos ha, de que se verifique a graça que a Raynha Nossa Senhora fez de ordenar á Real Junta das Fabricas e Inspeção das Agoas Livres, cuja resolução pára na mesma Real Juntta para mandar erigir hum chafariz de Agoa de beber, de que necessitam os habitantes, não só da sobredita Freguezia; mas os das Freguezias de Soccorro e S. Jorge, Cruz dos quatro Caminhos, Bombarda, Oarias, Calsada de Santo Andre e todo o Bairro do Destricto da Mouraria athé Penha de França.

Lembro a V. Ex.<sup>a</sup> o sitio da horta, que foi do Desterro, e hoje se acha devaçada ao Publico, pela compra, que fiz pela minha Inspeção onde está presentemente já huma rua e se trabalha pela minha Inspeção como já foi presente a V. Ex.<sup>a</sup> em fazer o cano para receber as agoas, sem que venhão por sima da rua direita dos Anjos, que muitas vezes cauzavão o ser invadiavel pelas muitas agoas que corrião que embaraçavão a passagem do publico e corria risco aos que se expunhão a passar; e igualmente embaraçavão o poder hir o Parrocho desta Freguezia com o sagrado viatico, a administrar aos enfermos os mais sacramentos: tambem devo informar a V. Ex.<sup>a</sup> que aquella obra neste sitio he de huma limitada despeza pela sua situação, e que os aquaductos se fazem todos á superficie, sem ser necessaria obras subterraneas nem vencer pedreiras para poder introduzir os mesmos aquaductos, e por outra parte tambem não ter a Junta necessidade de comprar terreno algum para poder fazer esta obra e pôr o chafariz e este se Sua Magestade for servido permitir-me licença, darei hum que tinha previnado para outro sitio, daquelles chafarizes, que estão debaixo da minha Inspeção, porque tudo hé para o mesmo fim em beneficio desta grande Capital.

Da Real Piedade e Paternaes Intensoens de sua Magestade espêrão os habitantes dos referidos districtos, que a mesma Senhora ordeue á Junta das Fabricas e Inspeções das Agoas Livres, lhes mande verificar a graça, que lhes fez, de mandar erigir no sitio que apontão hum Chafariz de agoa para beberem, que não tem em todos aquelles sitios, onde possuem comodamente serem servidos, o que lhes custa muito, e de verão sentem suas faltas, e quando Sua Magestade acorde verificar esta graça do dito chafariz aos refferidos habitantes dos ditos districtos e Freguezia dos Anjos, o que ja foi servida ordenar á sobredita Junta das Fabricas; decläre a mesma Senhora que os sobejos

das agoas do dito Chafariz, se entreguem á minha Inspeccão, para eu mandar por elle fazer hum tanque na mesma horta para lavarem as lavadeiras com todas as comodidades, não só para o tanque mas para o estendal para poderem comodamente enxugar a sua roupa; pois V. Ex.<sup>a</sup> melhor que ninguem conhece que a maior parte dos habitantes desta Freguesia dos Anjos, Socorro, S. Lourenço, S. Christovão e Pena, pelas muitas ruas escusas que tem, hé gente pobre e miseravel, e que necessitam deste socorro para poderem hir lavar a sua roupa e dos seos pobres filhos, assim como já ha em Alfama outro, onde concorrem os miseraveis habitantes daquellas Freguezias a toda a hora da noite e do dia para o mesmo fim; e he hũa esmolla que Sua Magestade igualmente tambem faz aquella pobre e miseravel gente.

Queira V. Ex.<sup>a</sup> representar a sua Magestade o refferido e a mesma Senhora rezolver o que lhe parecer mais justo e acertado.

Lisboa 19 de Janeiro de 1799—Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquez Mor-  
domo Mór da Côrte e Reino.—O Intendente Geral da Policia, *Diogo Ignacio da Pina Manique*».

(Archieo do Ministerio do Reino, maço 453).

### 34. Cemiterio do Hospital em Lisboa

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.—O Prior da Freguezia de Nossa Senhora do Socorro me vem informar de não ter a Irmida de Nossa Senhora da Saude, onde está presentemente a Freguezia covaes para poder enterrar os cadaveres dos seos Parrochianos porque o Provedor Mór da Saude lhos mandou prohibir por cauza do perigo que corria a saude publica, pelo mau cheiro, que sahia dos covaes, e pelo motivo de ser mayor o numero de cadaveres daquelle, que tinha de covaes a mesma Irmida que era muitas vezes obrigado a enterrar huns sobre outros, ainda no mesmo Adro fora da dita Irmida.

O Eminentissimo Cardial Patriarcha, a quem recorreo o sobredito Prior, lhe mandou que viesse da sua parte requerer-me, e expor o refferido, eu lembrei-me da Igreja antiga do Collegio de Santo Antão, que está em ruina, e que no reinado do Senhor Rey D. Jozé foi dada para nella ser esta freguezia, pois está sem exercicio, e seria ter mais do que as quatro paredes, que a circulão, onde podia servir interinamente de semiterio a esta Freguezia, emquanto Sua Magestade não der outra providencia, e não correr perigo a saude publica, porque fica em hum sitio mais elevado, e que não tem tecto a dita Igreja, e as exalações, que possa acontecer sahirem das sepulturas prejudicarem a saude.

A Meza da Misericórdia que hoje se acha de posse das ruínas da sobredita Igreja do Collegio de Santo Antão, a quem recurri, duvida prometer esta licença, com o motivo de dizer que fica proxima do Hospital: Posso dizer a V. Ex.<sup>a</sup> com toda a confiança que isto he hum pretexto, porque fica muito separado das enfermarias, e que as paredes, que circulão a Igreja ainda quando ficasse contigua ás mesmas Enfermarias são superiores e as exalações sobem e não descem, logo que perigo pode ter acontecer ao Hospital, tendo ali o interior semiterio esta Freguezia? e se conhece melhor isto, que digo, de não querer a Meza da Misericórdia assentar sem razão no que lhe supliquei, porque o semiterio do mesmo Hospital está em hum logar perigozo, como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, e eu lhe tenho representado por huma parte e por outra ainda mais se conhece as mesmas segundas intenções da Meza, porque todas as Freguezias desta capital enterrão os cadaveres dos seus Parrochianos dentro das Igrejas, que tem, estas são cobertas, e a mayor parte dellas não teem a aria que tem a do Collegio, de que fallo; isto não he dizer, nem aprovar que o enterrar nas Igrejas o deveser, por qualquer dos principios, a que queirão recorrer, e que insta huma deliberação prompta e a regulação da conta que dei na data de oito de Junho de mil sete centos noventa e quatro, e porque a Estação presente me obriga tambem a suplicar a V. Ex.<sup>a</sup> o referido, em beneficio da saude dos habitantes desta corte.

V. Ex.<sup>a</sup> levando tudo á presença de Sua Magestade a mesma Senhora rezolverá o que lhe parecer mais justo e aceitavel.

Lisboa 1.º de Setembro de 1796.—Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Jozé Seábra da Silva.—O Intendente Geral da Policia da Corte e Reino, *Diogo Ignacio de Pina Manique*.

(*Archivo do Ministerio do Reino, Intendencia da Policia, maço 454*).

*Nota.*—Relativamente a este cemiterio já o Sr. Victor Ribeiro, cita varios documentos anteriores e posteriores a este officio no *Archivo Historico Português*; v, 141 no artigo intitulado *Algumas noticias da Arte e Archeologia*.

### 35. Rua da Ourivezaria da prata de Lisboa

«Em carta de S. Magestade de 15 de Março de 605.

Porque tenho approuado a traça que o Presidente da Camara dessa Cidade me enviou da obra que se ha de fazer na Rua da ourivezaria da prata, e lhe mando ora escreuer, e encarregar nesta que ordene, como conforme a ella se faça com a mayor breuidade que poder Vos encomendo muito, que deis logo ordem, para que se passem as provisões que pera isso forem necessarias, e por parte da Camara se pedirem, as quais me uirão para eu assinar.—*Christovão Soares*.

*No verso.* Ao Desembargo do Paço sobre as prouisões que por parte da Camara desta Cidade se pediram, pera a obra que se ha de fazer na Rua da Ouriuezeria da prata.

Vista e não se comprio nã executou por não se poder até ora por parte da Camara estas prouisões».

(*Corpo Chronologico*, Parte 1, an. 114, n.º 118).

### 36. Autographos

Relação de 50 autographos com assinaturas de vultos importantes nas letras e artes que nos foram enviados pelo illustre escritor dramatico Sr. Sousa Bastos, para serem vendidos a quem mais offerecer, revertendo o producto para aumentar a subscrição aberta pelo *Diario de Noticias* a favor das victimas sobreviventes da mudança de regime:

João Baptista de Almeida Garrett (1838); José Felix da Costa, primeiro artista do Theatro do Bairro Alto (1774); Nicolau Luis, professor, escritor dramatico e ensaiador do Theatro do Bairro Alto (1772); José Joaquim de Lima, compositor (1774); Antonio José de Paula, escritor dramatico, primeiro actor e empresario dos theatros do Salitre e Rua Condes (1774); Barão de Quintella (depois Conde de Farrobo) (1831); maestro Cyriaco de Cardoso; Artur de Azevedo; Francisco Palha (tabella de multa de (1886); actor Taborda; Duque de Loulé; Frédéric Febore (societario da Comedia Francesa); Gervasio Lobato, D. João da Camara, Costa Cascaes, Dr. Cunha Bellem, Consiglieri Pedroso, Antonio Ennes, Urbano de Castro, Rangel de Lima, maestro Massenet, Raphael Bordallo Pinheiro, João Ramos (do *Primeiro de Janeiro*); Luciano Cordeiro, actor João Rosa, Guiomar Torrezão, Eduardo Vidal, Salvador Marques, actriz Emilia Eduarda, Lino de Assunção, actriz Emilia Adelaide, actriz Josephina Miró, Casimiro Dantas, Ernesto da Silva, actriz Anna Pereira, actor Brazão, Lopes de Mendonça, Gomes Leal, Marcellino de Mesquita, Magalhães Lima, Eduardo Garrido, Eduardo Schwalbach, Jaime Séguier, actor Augusto Rosa, Camara Lima, actriz Amelia Vieira, Moura Cabral, Abel Botelho, padre Senna Freitas e Ramalho Ortigão.

Tem o lanço de 50\$000 réis de um «Amigo do *Diario de Noticias*».

(*Diario de Noticias*, de 9 de Novembro de 1910).

### 37. O chafariz de Setubal

Setubal, 12. — Hontem perto da meia noite, Julio Marques, casado, de 43 annos de idade, mestre da armada a bordo do rebocador *Berrio*, entendeu dever apear a corôa que existia no chafariz da Praça de

Bocage, mandado levantar pela camara em 1697, no reinado de D. Pedro II. Para o effeito, elle e outros individuos enlearam com uma corda a immensa pedra onde estava a corôa, e, puxando-a, despenhou-se, vindo atingir a perna direita do Marques, esfacelando-lhe todo o tecido mole a ponto de lhe ficar, de alto a baixo, o osso a descoberto. O ferido foi levado ao hospital, sendo o seu estado um tanto melindroso. Já tinha sido proposto na camara para que a corôa fosse apeada, não sendo, porém, approvada essa ideia, por se julgar desnecessario truncar o antigo chafariz.

(*O Mundo*, de 13 de Dezembro de 1910).

### 38. Demolição d'uma capella

Ilhavo, 9.—Esta villa tão pobre de monumentos, onde não ha edificio proprio para paços municipaes, nem uma casa de escola e que apenas tem tres templos, vae ficar sem a capella das almas.

Cabem aqui as palavras que ha 30 annos escreveu um escritor contemporaneo tambem a proposito da demolição de um templo: «os apologistas do progresso destruidor do seculo XIX, fazem a cada momento gravar nas paredes do templo, á ponta da picareta, a expressão atrocissima— a terra».

A commissão administrativa da camara municipal, que ainda não empreendeu qualquer melhoramento, què conserva apagados alguns candieiros da illuminação publica, na parte central da villa, concebeu a ideia de demolir a capella das almas, e, no fim de perto de 60 dias de gerencia, officiou á autoridade administrativa dizendo que a capella ameaçava ruina.

Immediatamente a autoridade ordenou ao commissario da Ordem Terceira de S. Francisco para que não mais ali celebrassem actos religiosos, sendo por isso interrompida a novena que se estava fazendo em honra da antiga padroeira da nação.

Dias depois esteve ahi um empregado de obras publicas examinando o templo, dizendo a maioria dos Ilhavenses que o perito disse que o templo não ameaça ruina, mas que precisava uns reparos; dizendo o limitado numero de adeptos da demolição: que foi mandada pôr a terra.

Seja qual for a opinião, o capricho irá por diante.

Publicamos a photographia da capella, prestes a desaparecer, que foi mandada construir no principio do seculo XVIII pelo prior João Martins dos Santos.

É de formã polygonal. A abobada, que é digna de apreço, é de cal e teijolo.

Esta capella estava a cargo, ha 50 annos da Ordem Terceira de S. Francisco. D'aqui sae annualmente a procissão da cinza, sendo para admirar duas imagens, primorosas esculturas: S. Francisco e Santo Ivo.

Ali havia diariamente duas missas, sendo a capella predilecta dos nossos patricios Srs. conego Ançã e abbade Figueira, que ali celebravam missa, quando visitavam Ilhavo.

O sacristão septuagenario e com uma lesão cardiaca, que d'ali vivia, agora morrerá á fome.

Terminamos com umas palavras de Alexandre Herculano:

«O solo sobre que pesavas ha seculos, desassombrado do teu vulto enorme, se converterá em aprazivel soalheiro, e os soalheiros são hoje objectos de primeira necessidade no abastado Portugal».

E assim será, porque não temos esperanças de que ali se faça mercado. Não ha dinheiro, e a haver, ha obras de mais necessidade, que interessam a saude publica.

(*Diario de Noticias*, de 13 de Dezembro de 1910).

### 39. Museu da Revolução

Devendo instalar-se no Archivo da Camara Municipal de Lisboa o *Museu Historico da Cidade de Lisboa*, do qual faz parte o *Museu da Revolução*, sufficiente o espaço disponivel d'aquella repartição para aquelle patriotico fim, vae ser mudado para o edificio da Abegoaria o Tribunal dos Arbitros Avindores, passando a sala onde este funcionava a fazer parte do Archivo que assim ficará muito mais amplo. Mais tarde, quando estiver construido o *Palacio das Exposições* no parque Eduardo VII, será nelle que o *Museu Historico* ficará definitivamente installado.

(*O Mundo*, de 6 de Novembro de 1910).

### 40. Documentos para a historia dos feitos portuguezes em Africa

O sr. tenente-coronel Alves Roçadas, governador geral de Angola, mandou publicar no «Boletim official» a seguinte portaria:

«Representando a evocação do glorioso passado de Portugal, tanto ou mais do que as urgencias do presente, um incitamento á vida util, e á perpetuidade das tradições herdadas, pelo exemplo dos notaveis e honrados feitos que illustraram em Africa a historia nacional; e

Considerando que em todo esse longo martyrologio, que entre os sec. XVI e XVIII assignalou na provincia de Angola o dominio portuguez, se salienta a figura heroica de Salvador Correia de Sá e Benevides, do qual e de seus predecessores e successores naquella epoca raros são já os documentos escritos que, a attestarem a sua passagem aquí,

se encontram nos archivos d'esta cidade em tão lamentavel estado, alguns d'elles, que se impõe como um alto dever patriotico a sua salvação; e

Considerando qué, tornados em muita parte illegiveis esses documentos, pela acção deleteria do clima, só a immediata reproducção graphica poderá evitar a perda total e rapida de tão preciosos subsidios para a historia da provincia, mórmente no que respeita á administração civil, nos dois ramos — o judicial e o municipal — que naquelle tempo andaram associados, pela propria disposição da lei; emquanto o governador exercia o mando supremo em todas as forças de terra e mar, para a facil e pronta utilização d'ellas:

Hei por conveniente encarregar o dr. Caetano Francisco Claudio Eugenio Gonçalves, juiz de direito da 1.<sup>a</sup> vara da comarca de Loanda, de numa inspecção feita aos archivos publicos d'esta cidade, proceder a uma rigorosa selecção dos documentos que estejam nos casos de merecer aquella reproducção, que opportunamente, em proveito exclusivo do Estado e no especial interesse da historia da colonia, e designadamente da cidade de Loanda, será feita na Imprensa Nacional.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta compe-  
tir assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo em Loanda, 29 de julho de 1910.—*José Augusto Alves Roçadas*, governador geral.

(*Diario de Noticias*, de 9 de Setembro de 1910).

#### 41. Gabinete de numismatica em Barcarena

A Liga dos Interesses de Barcarena recebeu para a sua collecção numismatica varias moedas de prata e cobre e medalhas do sr. C. A. C., e do sr. Antonio Duarte (barbeiro).

(*A Lucta*, de 26 de Setembro de 1910).

#### 42. Machado de pedra em Alqueidão de Santo Amaro

Alqueidão de Santo Amaro (Ferreira do Zezere).—C.—O professor Sr. Antonio Craveiro de Almeida Reis, ao passar proximo da propriedade do Sr. Antonio Carvalho da Cruz, encontrou na estrada municipal, junto com outras pedras, um machado de *silex* antiquissimo, mas ainda muito bem conservado.

(*O Seculo*, de 7 de Maio de 1910).

#### 43. Excavando

Alvito, 31.—No sitio do Outeiro das Pelles tem a camara dado de aforamento uns terrenos para edificações. O talhão n.º 8 foi tomado

pelo Sr. Fernando Trigacheiro, que, começando hontem ali os trabalhos, procedendo a uma excavação, deparou com um forno subterraneo, que parece ter servido para fundição ou cousa parecida, em vista dos materiaes encontrados.

O que é fora de duvida é que todas as pessoas ignoravam a sua existencia, o que nos faz crer que a data da sua laboração devia ser em tempos remotos, tanto mais que na historia d'esta tão antiga povoação não consta terem-se aqui exercido industrias no genero que este descobrimento nos faz lembrar.

(*Diario de Noticias*, de 2 de Junho de 1910).

#### 44. Leilão de objectos antigos

A mesa da veneravel Ordem Terceira do Carmo, devidamente autorizada, vendeu hontem, em hasta publica, varias joias antigas dos sec. XVII e XVIII, outros objectos de ouro e prata, cravejados de pedras, um orgão, etc. Presidiu ao acto o Sr. Dr. Santos Farinha.

Entre os objectos vendidos, vimos os seguintes:

Flôr de prata com topasio esmalte, ao Sr. Luis Nobre, por 49\$000 réis; laço de prata cravejado com topasios, ao Sr. Joaquim Nunes da Cunha, por 80\$000 réis; flôr de prata com pedras brancas, ao Sr. Nunes da Cunha, por 20\$000 réis; meio adereço, ao mesmo senhor, por 68\$000 réis; um par de brincos de prata, com pedras, ao Sr. Manuel Castilhano, por 8\$000 réis; um estojo contendo um par de brincos, fivela e botão, de prata e pedras, ao Sr. Cunha por 41\$100 réis; onze alfinetes com diferentes pedras, ao Sr. José Maria Ribas, por 6\$100 réis; fivelas de prata ao Sr. Castellões, por 700 réis; brincos de brilhantes, ao Sr. Nunes Cunha, por 96\$500 réis; um laço e adereço ao mesmo senhor, por 450\$000 réis; colar de aljofre, ao Sr. Baltha, por 73\$000 réis; etc.

O Sr. Joaquim Nunes da Cunha ficou com um par de brincos com pedras, os quaes, segundo a tradição, pertenceram á Rainha Marianna Victoria. O orgão não foi arrematado e o producto do leilão foi de um conto e trezentos e tantos mil réis.

(*O Seculo*, de 6 de Junho de 1910).

#### 45. Uma carta de Carlos Borromeu

Agora que a encyclica do Papa acêrca do centenario da beatificação de Carlos Borromeu feriu as susceptibilidades dos catholicos da Allemanha que protestaram contra as allusões contidas naquelle docu-

mento, não deixa de ser curioso registrar a descoberta numa caixa de folha que a extincta Junta do Deposito Publico de Lisboa mandou arrecadar na Casa da Moeda e que dali transitou ha 32 annos para a Caixa Geral de Depositos, com a rica custodia da Bemposta, de D. João V e outros objectos de arte que passaram depois com authorização do Governo a figurar no Museu de Bellas Artes, das Janellas Verdes.

Contem essa caixa de folha, entre muitas reliquias, a costella de um Papa, varios ossos de santos e martyres, uma carta autographa de Carlos Borromeu, datada de 1562, outra de 1600, do bispo de Evora, D. José de Mello, diferentes objectos de culto e imagens que pertenceram de certo ao espolio de algum convento. Pelas disposições do novo regulamento terão esses objectos de ser vendidos em leilão, por não ter havido ha mais de 70 annos quem reclame a sua restituição.

Que bello ensejo terão os piedosos devotos de adquirir o precioso autographo do santo Borromeu!

(*Diario de Noticias*, de 12 de Junho de 1910).

Nota.—*No Corpo Dipl. Português*, vol. VIII, ha noticias de S. Carlos, por exemplo, a p. 342, 343, 383, etc.

#### 46. Alargamento de uma rua de Lisboa no sec. XVI

«botiquas que estão asima da porta do ferro que ante forão casas foreyras ao dito mosteyro as quois a cidade mandou derribar pera se fazer a Rua mais largua e na parte que ficou se fizerão duas botiquas as quois tem de comprido em força (sic) da Rua sete pallmos e meio de craueyra em vão que são em ambos quinze pallmos e de llargura da dita Rua pera dentro até as paredes da casa aonde se faz a audiencia dos orfãos noue pallmos da craueyra da hũa e partem da parte de sima comtra a porta da dita ygreja de santo antonio com escada que vay pera a dita casa da audiencia dos ditos orfãos e da parte de baixo com outra botiqua da cidade».

*Publica forma do concerto do mosteiro da Graça com o Senado de Lisboa sobre umas lojas em 1523.*

(*Collecção Especial*, caixa 160).

#### 47. Mudança de orthographia do nome de uma povoação

«Nos termos do artigo 3.º, § 4.º, n.º 1.º, do Codigo Administrativo; Attendendo ao que representa a Junta de parochia da freguesia de Sernache de Alhos; e Conformando-me com a consulta do Supremo

Tribunal Administrativo: Hei por bem determinar que a sobredita circunscrição administrativa do districto de Coimbra passe a denominar-se freguesia de Cernache. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 2 de junho de 1910.—REI.—*Francisco Felisberto Dias Costa.*

(*Diario do Governo*, de 6 de Junho de 1910).

#### 48. Villa Velha de Rodam

##### O pelourinho

«É indubitavelmente muito antiga esta villa, mas não ha historia que dê razão da sua origem. O que se sabe é que os templarios aqui viveram e foram senhores da villa por dilatados annos.

Caso extraordinario! Não se conhece foral velho nem novo a esta villa, tanto que Franklim o não menciona, nem ha memoria de, quer na villa, quer no concelho, ter havido nenhum convento ou edificios importantes, comtudo tem pelourinho que se conserva ainda, e relativamente a muitos outros, em razoavel estado de conservação. Embora se não torne notavel por primores de arte, como varios outros, é bem digno de ser examinado.

É esse pelourinho formado por uma columna redonda, de granito, tendo por capitel uma pedra oblonga de quatro faces: vendo-se em uma a corôa real, na outra a cruz da Ordem de Christo em outra a esfera armilar e na ultima um emblema que o tempo desfigurou por completo; são estas duas ultimas faces as que figuram na gravura.

O pelourinho, que se calcula tenha cêrca de 3 metros de altura, acha-se collocado a um lado da praça, mas outr'ora esteve ao centro».

(*Da Nossa Patria*, n.º 35, de 1 de Junho de 1906).

A proposito da noticia que ha dias publicamos acêrca do pelourinho de Villa Velha de Rodam, o illustrado investigador que teve a amabilidade de communicar-nos a nota acima transcrita, e de facultar-nos os desenhos que serviram para as gravuras juntas, acompanha a das seguintes considerações:

Se alguns estragos tinha o pelourinho foi devido a não terem as antigas municipalidades cuidado, como lhes cumpria, da sua conservação, o que é contra o usado nos outros paises, onde monumentos historicos são conservados com o maior cuidado.

São já em pequeno numero, mercê da ignorancia do vulgo, e principalmente das vereações das terras que os possuíam, e que, em vez de verem nos pelourinhos o «padrão» da «sua autonomia» e o marco

demonstrativo das antigas regalias, apenas os tem julgado como sym-bolos de tyrania, por ali serem punidos criminosos.

Em regra geral, todos os pelourinhos obedecem a um principio de unidade na sua configuração; differençam-se, entretanto, singularissimamente, uns dos outros pelos accessorios ornamentaes. D'ahi a importancia, bem valiosa, que estes monumentos tem para o estudo da architectura em Portugal e da archeologia em geral. Eis o que muitos ignoram...

(*Diario de Noticias*, de 5 de Dezembro de 1910).

#### 49. Pelourinho de Villa Velha de Rodam

Eis a copia do officio que a commissão municipal de Villa Velha de Rodam dirigiu ao Conselho dos Monumentos Nacionaes:

##### Serviço da Republica

*Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente do Conselho dos Monumentos Nacionaes.*

(Em 28 de Novembro de 1910).

A Commissão Municipal Republicana d'este concelho teve conhecimento de uma local publicada na 1.<sup>a</sup> pagina do *Diario de Noticias*, n.<sup>o</sup> 16:176 de 23 do corrente, sob a epigraphie «Pelourinho de Villa Velha de Rodam», na qual se diz, que o Conselho dos Monumentos Nacionaes, resolveu propor ao Governo, que o referido pelourinho, apeado ha pouco por esta commissão, fosse reposto no primitivo logar pois que ás camaras compete velar pelos seus monumentos historicos, não devendo permittir que nelles se commettam vandalismos...

A função do Conselho dos Monumentos Nacionaes, exercendo cuidadosa vigilancia pela conservação dos padrões historicos da nossa nacionalidade sobre ser inteiramente legitima, é tambem assás honrosa. Reconhece-o assim esta commissão, sem duvida. — Mas o procedimento do conselho, reclamando para o Governo, sem primeiro ouvir a ré do pseudo-crime de vandalismo, esse maguou deveras esta Commissão, porque não o esperava na sua boa fé.

Antes pois que esta Commissão seja mandada satisfazer a reclamação d'esse concelho, vimos nós dar conta das razões do nosso procedimento.

Sabe o Conselho dos Monumentos Nacionaes o que era, o que se dizia o Pelourinho de Villa Velha de Rodam? Sabe sem duvida, pois que naturalmente procedeu a inquerito em todo o país, para poder elaborar o mappa annexo ao decreto de 16 de Junho ultimo publicado

no *Diario do Governo* n.º 136 de 23 do mesmo mês. Ora pois: Esse mal amontoado de pedras que se mostrava na praça de Villa Velha, sem merecimento artistico ou estetico de qualquer especie, sem valor historico conhecido aqui, não mereceu ser incluído na categoria de monumento nacional. Esta foi a primeira razão que nos assistiu... Ha mais: O pseudo-pelourinho não tinha já a forma nem caracteres distinctivos que lhe conheceram os nossos mais velhos conterraneos. Na vida d'estes já elle fôra demolido por duas vezes, e em ambas as reedificações, se prejudicara a obra que conheceram primeiro. Finalmente: a unica peça do referido padrão a que podia dar-se algum valor, (uma pyramide quadrangular que o sobrepujava), por ter quatro emblemas toscamente trabalhados, é, por isso mesmo, e pela errada concepção d'esses emblemas desqualificada em absoluto.

Explicando melhor: um d'esses emblemas é a esphera armilar. Pois senhores ha nella divisões, (circulos), disparatados! Outro emblema é um escudo onde ha 5 sinaes em cruz, a que ninguem sabe ligar a maior significação. Contrario a este, está o escudo com as quinas e tem ainda noutra face, a cruz de Malta [*aliás* Christo]. Resta-me acrescentar uma informação: A referida pyramide está guardada, e poderá ser exposta em qualquer museu, que venha a estabelecer-se.

Creio ter explicado sufficientemente o procedimento d'esta Commissão, para que possa ser apreciado devidamente.

Permitta-nos o Conselho dos Monumentos Nacionaes lhe peçamos umas informações tambem:

1.º Sabe-se, ahi, alguma cousa da historia do pelourinho em questão?

2.º O procedimento do conselho contra esta Commissão, proveio de alguma denuncia, em que se fundamentasse a razão pela qual nós não deviamos apear o pelourinho?

Está conforme.—O escrivão da camara, *J. D. Moreira de Sousa*. (*Diario de Noticias*, de 30 de Novembro de 1910).

### 50. Os pelourinhos

Pelo ministerio do interior foi expedida aos governadores civis dos districtos a seguinte circular:

Tendo chegado ao conhecimento de s. ex.<sup>a</sup> o ministro do interior que pela manutenção e conservação dos cruzeiros e pelourinhos não tem havido aquelle respeito, que era para desejar e que foi instantemente recommendado na circular d'esta direcção geral de 15 de Janeiro de 1906, o mesmo ex.<sup>mo</sup> ministro me encarrega de chamar a

atenção de v. ex.<sup>a</sup> para o seu conteúdo a fim de que seja rigorosamente cumprido.

(*Diario de Noticias*, de 4 de Dezembro de 1910).

*Nota.*—A humanidade tem o furor de destruir e de modernizar quer pelo simples instinto de maldade, quer por interesse. Memorias que não causam o menor tropeço são vandalicamente destruidas para se lhes aproveitarem os materiaes em alicerces de novos edificios. Nas cidades as velhas habitações desaparecem gradualmente com o apoio das municipalidades a pretexto de hygiene, mas na realidade para se seguir a corrente da moda, dando-se a final o caso de, depois de fatigados por vermos nos bairros novos edificios caprichosos, sentirmos um momento de alivio ao entrarmos numa rua em que ainda se conservam essas casas que nos legou o sec. xviii e mesmo o xix.

Outro argumento muito em voga, não só hoje, mas nos tempos passados, é o de que esses monumentos são destituídos de arte. A arte na opinião d'esses iconoclastas dos tempos modernos é uma arte mesquinha, nascida no seu espirito tacanho; as não é a arte dos grandes artistas, que não se prendem ás formas mathematicamente estudadas, mas procuram despertar sentimentos no publico.

A Commissão Municipal de Villa Velha do Rodam sentiu-se melindrada pela censura tacita do Conselho-dos Monumentos, e ainda mais por se ver apanhada em erro, quando julgava fazer desaparecer da face da terra uma offensa á esthetica e... á liberdade. Justamente essas pedras negras representavam a liberdade em face do rei e do feudalismo. Teofilo Braga, n*O Povo Português*, t. I, p. 258, diz o seguinte: «Esta resistencia das garantias locaes era representada no Portugal antigo pelo *Pelourinho* ou *Picota*».

PEDRO A. DE AZEVEDO.

### Onomastico medieval português

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, xv, 252.

- Tomistanes, geogr. (?), 1059. L. D. Mum. Dipl. 261, l. 30.  
 Tonel, app. h., 1258. Inq. 333, 2.<sup>a</sup> cl.  
 Toorat, geogr., 1258. Inq. 513, 1.<sup>a</sup> cl.  
 Toorigos (Casal dos), geogr., 1258. Inq. 390, 2.<sup>a</sup> cl.  
 Tooriquiz, app. h., 1258. Inq. 695, 2.<sup>a</sup> cl.  
 Tooyxe, geogr., 1258. Inq. 514, 1.<sup>a</sup> cl.  
 Topete, app. h., sec. xv. S. 174.—Id. 387.  
 Tora, app. h., 1258. Inq. 388, 1.<sup>a</sup> cl.—Id. 389.  
 Toradurio, villar, 1021. L. Preto. Dipl. 154.  
 Torcade (Sancto), 1258. Inq. 293, 1.<sup>a</sup> cl.  
 Torcati (Sancti), ermida, 1258. Inq. 608, 1.<sup>a</sup> cl.  
 Torcato (Sancto), mosteiro, 1220. Inq. 197, 1.<sup>a</sup> cl.  
 Toresarium, n. h., 921. Doc. most. Vairão. Dipl. 15.  
 Torgaêda, geogr., 1220. Inq. 14, 1.<sup>a</sup> cl.—Id. 122 e 238.